

Exílio, saudade e sua tentativa de superação na poesia das mulheres da comunidade portuguesa em França

José Manuel da Costa Esteves

Cátedra Lindley Cintra/ Instituto Camões

Universidade Paris X Nanterre

CRILUS (EA 369)

Introdução

Propomo-nos abordar neste artigo, inscrito no âmbito do III Congresso dedicado à mulher portuguesa na Diáspora, as temáticas do exílio e da saudade, assim como a sua superação, na poesia produzida por mulheres originárias de camadas populares da comunidade portuguesa em França tendo vivido o ciclo da emigração para esse país.

Após uma referência à história da emigração portuguesa para França nas décadas de 60-70, a criação do Círculo dos Poetas Lusófonos de Paris e a publicação de duas Antologias deste Círculo, que aqui balizam a nossa reflexão (1982 e 1997), deter-nos-emos na análise das principais linhas condutoras dessa poesia no feminino. Elas demonstram dolorosas experiências no quotidiano, no trabalho e de inserção no país de acolhimento, evidenciando-se um centramento e fechamento que se confunde com *topos* próprios do exílio ou mesmo do desterro, tomando a forma de um sentimento saudoso de um paraíso perdido. No entanto, à medida que os anos passam, é na poesia dessas mulheres que se verifica também um grande grau de porosidade face à alteridade, uma certa capacidade de ‘apaziguamento’ da angústia e incerteza para dar lugar à busca da felicidade, recriando-se assim uma nova identidade. Referir-nos-emos, ainda que de forma breve, a algumas obras mais recentes, nomeadamente às de Paula Gonçalves, *Âncora Estilhaçada* (Paris, 2002) e Cristina Semblano, *A Minha Língua* (Paris, 2004), onde de forma inequívoca se instaura um tempo novo virado para o futuro, sugerindo um mundo melhor. Desta forma damos aqui a vez e a voz às heroínas da moderna epopeia portuguesa, saídas da emigração, e que encarnam os mitos fundadores da cultura portuguesa.

Exílio, saudade e emigração

A temática do exílio e da saudade, podemos dizê-lo, apresenta uma dimensão de universalidade, pois não se conhece praticamente nenhuma literatura que, numa época ou noutra, em poesia ou em prosa, obedecendo ou transgredindo poéticas ou cânones, não tenha tido a sua expressão. E tal nos parece natural. Pois de que nos fala a literatura senão dos nossos grandes anseios, angústias ou medos?

A literatura portuguesa dá-lhe um lugar de relevo desde os seus primórdios, com os temas da ausência e da partida do amigo ou do amado para a guerra ou para o trabalho moroso na faina marítima. A separação e a ausência sofrida, na mais pungente e dolorosa solidão, com a sua componente melancólica roçando uma tristeza de carácter patológico,

constituem a essência do romance *Menina e Moça* de Bernardim Ribeiro. O período da expansão além-fronteiras vai dar corpo a essa pré-disposição nostálgica, e que muitos consideram ser mesmo um traço intrínseco da cultura portuguesa, que envolve qualquer separação ou partida. Camões, príncipe dos poetas portugueses, não ficará alheio a essa temática, e porque a viveu na pele nas suas estadias em África, Índia ou Macau, dará conta ao longo de toda a sua obra lírica ou épica, dessa condição de exilado da Pátria-Mãe, gerando nele sentimentos de revolta, frustração, decepção e abandono. A profunda consciência da sua genialidade arrasta-o para a amargurada constatação que no mundo só a injustiça, a ambição desmedida e a cobiça têm o seu preço. Além do exílio da Pátria, Camões sofre a condição do exílio interior, o do poeta que vê a incompreensão dos seus contemporâneos perante a perenidade das letras lançando-o numa atitude de grande pessimismo e mágoa.

Almeida Garrett ou Alexandre Herculano, os grandes poetas românticos do século XIX, fiéis defensores das ideias libertárias do liberalismo, terão de se exilar em França e Inglaterra. Herculano no seu poema *Tristezas do Desterro*¹ traça o perfil torturado do poeta, tão próprio da estética romântica, matizado pelas circunstâncias dolorosas da emigração da qual emerge uma filosofia da vida e da saudade. António Nobre e o seu saudosismo da terra portuguesa, Teixeira de Pascoais e a saudade da infância e até Fernando Pessoa – errante peregrino através dos seus heterónimos em busca de uma pátria inexistente e absoluta comungou desse exílio interior. Pessoa vive exilado num país desfasado da Europa moderna e cosmopolita, vivendo murado na teia das suas múltiplas máscaras, personalidades, nomes e vidas inventadas para as obras. Pessoa, criador de mitos, é ele próprio o símbolo do criador exilado no seu Olimpo, aprisionado nas malhas das criaturas engenhosamente engendradas. Outros poetas, como Miguel Torga, no seu apego às forças telúricas da terra, Manuel Alegre, exilado primeiro na Argélia e depois em França, como tantos outros portugueses que lutaram contra o regime de Salazar, são nomes incontornáveis na literatura portuguesa quando se aborda esta temática. Actualmente podemos também considerar no desenraizamento de certas personagens dos romances de António Lobo Antunes, ou na separação e conflitos de alguns romances de Jose Saramago, formas, por extensão, do tema do exílio.

Mas a escolha recai aqui sobre outros poetas, de horizontes e ‘escolas’ também diferentes. É um lugar comum falarmos, no espaço em que nos encontramos, de diáspora portuguesa, iniciada com o período dos Descobrimentos e com a expulsão dos Judeus pela Europa fora. Mas é com a independência do Brasil, em 1822, que se inicia sem jamais ter cessado o fenómeno da emigração em grande escala. Portugal, cuja população actual não chega aos dez milhões de habitantes, tem 4,8 milhões de cidadãos espalhados pelo mundo, embora com uma forte concentração na Europa e na América. A França foi sempre ao longo das vicissitudes da história de Portugal, terra de acolhimento para os exilados e para a grande vaga de emigração que se iniciou nos anos 60 do século passado.

Este movimento não cessará a partir das lutas civis internas que levaram alguns nobres portugueses, entre os quais aquele que viria a ser o futuro rei D. Afonso III, a procurarem asilo em França, facilitando assim o fluxo e influência cultural francesa em Portugal. Quando não há exílio político há uma expatriação cultural e social mais ou menos prolongada: assim se fixam em Paris, Montpellier e Bordéus estudantes enviados de Portugal que se tornarão professores dessas Universidades, como é o caso de André de

Gouveia, célebre humanista que chegou a ser professor do grande pensador francês Montaigne que não poupava elogios ao seu mestre. Mas a maior vaga de exilados dá-se com a perseguição dos Judeus, que vão criando novas formas de relacionamento do ponto de vista social e económico. Ainda hoje podemos encontrar em França avenidas ou ruas com nomes de origem portuguesa, como os Pereire, célebres banqueiros, ou mesmo no nome do ex-Primeiro-Ministro, Pierre Mendès-France, resquícios dessa diáspora forçada. O século XVIII acolhe muitos intelectuais, que ficaram conhecidos como os ‘estrangeirados’, vindo depois a desempenhar um papel importante na renovação da vida cultural portuguesa no tempo do Marquês de Pombal, como Luís António Verney ou Ribeiro Sanches. O período das lutas liberais foi fundamental para o acolhimento dos portugueses que buscavam auxílio e exílio em França. Ao longo do século XIX são os partidários dos ideais republicanos que se refugiam em França, sobretudo após o esmagamento da revolução portuense de 1891. Além destes, outros procuram a França por se sentirem atraídos pelos movimentos de ideais da época, como o socialismo ou o anarquismo: Antero de Quental, o grande poeta da denominada geração de 70, à qual também pertence Eça de Queirós, quis conhecer a vida dos operários de Paris, indo assim trabalhar como tipógrafo; António Nobre, no seu poema *Lusitânia no Bairro Latino* torna-se o símbolo “lusíada”, emigrado não já para o Brasil, mas sim para a Europa. Outros intelectuais, no início do século conhecem o exílio em França, sendo o mais célebre o escritor Aquilino Ribeiro. A participação de Portugal na Grande Guerra de 1914-18 leva figuras destacadas do republicanismo português para França como Jaime Cortesão. É sobretudo durante esse período que escritores ou pintores, em consonância com os movimentos de vanguarda da época se vão instalar em França: os pintores Amadeo de Souza Cardoso, Santa Rita Pintor, o escritor Mário de Sá-Carneiro, o grande companheiro de Pessoa na aventura da criação da revista *Orpheu*, Almada Negreiros e, um pouco mais tarde, Vieira da Silva.

Depois do início da ditadura militar de 1926, muitos republicanos antifascistas buscam a França, assim como aqueles que se tinham exilado em Espanha após a vitória do franquismo. A Segunda Guerra Mundial faz regressar a Portugal alguns exilados que Salazar não hesitará em perseguir como o ex-presidente da República, Bernardino Machado. Nos anos 50 inicia-se um período de expatriação de todos aqueles, sobretudo intelectuais, que lutavam por um país democrático. Aí se fixam o historiador e ensaísta António José Saraiva, a escritora e dirigente do Movimento das Mulheres, Maria Lamas, Urbano Tavares Rodrigues, impedido de ensinar em Portugal e sua esposa, Maria Judite de Carvalho, o engenheiro António Brotas, o filósofo Fernando Gil, o ensaísta Eduardo Lourenço, o cantor José Mário Branco, o jovem Mário Soares que criará o Partido Socialista no estrangeiro e mesmo o dirigente do partido comunista na clandestinidade Álvaro Cunhal, para só citarmos alguns².

Mas o objectivo que me fixei foi abordar o tema do exílio na poesia produzida por uma outra camada da população portuguesa em França, a da emigração das mulheres portuguesas, oriundas fundamentalmente, como os seus pais, maridos ou irmãos do campesinato. Vimos como os intelectuais portugueses se relacionam com a França ao longo dos anos. Não poderíamos considerar aqui poetas, como Isabel Meyrelles, Teresa Rita Lopes, Maria Graciete Besse, Lídia Martínez ou Flor Campino por se encontrarem ou terem vivido em França por motivos artísticos, profissionais ou políticos: os seus universos não foram o do trabalho nas fábricas, na construção civil, nas limpezas, nem

viveram em bairros de lata. A poesia que aqui nos ocupa é a de uma camada da população portuguesa que busca em França, através da emigração económica, uma solução de sobrevivência para si e para os seus perante um país que não lhes oferecia as condições mínimas de vida. O universo social dessa emigração é maioritariamente proveniente do interior, de zonas rurais, são muitas vezes analfabetos ou têm apenas rudimentos de instrução. São outros os caminhos percorridos, foram outras as escolas da vida, a linguagem não apresenta a pureza de quem sempre a utilizou ou manipulou, não há conhecimento de cânones ou movimentos literários, há sim o desejo e impulso primordiais de escrever como revolta, de dizer do sofrimento humano, da separação, das difíceis condições de trabalho, e uma poesia que se inscreve, no entanto, no que há de mais profundo no ser humano, como partilha e dádiva.

A História de Portugal é constituída, por momentos gloriosos e por ciclos de depressão, mas temos sempre tendência para valorizar esses momentos altos, que nos reforçam uma identidade mais ou menos imaginária nos quais somos um povo de heróis. Porém todas as epopeias têm o seu reverso. Se nos *Lusíadas* e na literatura de viagens de carácter ufanista temos o canto dos feitos heróicos, os relatos da *História Trágico-Marítima*, traçam-nos com uma crueza realista o outro lado dos acontecimentos: o dos naufrágios, o da perda de vidas humanas, o das lágrimas. Pessoa no seu livro *Mensagem*, em diálogo com esta história não hesitará em afirmar como a história do mar foi lavrada com as lágrimas de Portugal (“Ó mar salgado/ Quantas das tuas lágrimas são sal de Portugal”). A emigração portuguesa é a parte moderna constitutiva dessa mesma história de sangue, lágrimas, exílio e saudade. Esta é a matéria das epopeias modernas e infelizmente sempre de actualidade em vários pontos do globo. Esses portugueses emigrantes do século XX são a vários títulos agentes da história, porque abandonados pela Pátria-Mãe, lançam mãos à luta na maior das adversidades, reinventam e constroem outro futuro, outras vidas. Centrar esta breve comunicação nas mulheres emigrantes e na sua produção poética é a nossa forma de lhes prestar homenagem no espaço de acolhimento do Congresso – Macau - onde o entrelaçamento de culturas, raças, religiões e línguas nos une e liga em espírito de partilha.

Emigração para França

Seria erróneo pensar-se que a emigração portuguesa para França teve início nos anos 60. A primeira geração é do início do século XX e está em relação directa com a participação de um corpo expedicionário português na Primeira Grande Guerra: 40.000 soldados passam pelas trincheiras e só na batalha de La Lys morreram 5.200. Alguns sobreviventes fixam-se em França na região norte e em 1931 contam-se já 50.000. A partir dos anos 50, com a necessidade de reconstruir o país saído da Segunda Guerra Mundial, aumenta o fluxo migratório mas, sobretudo, em direcção a Paris para o sector da construção civil e das obras públicas, trabalho melhor remunerado. Nos anos 60, com as dificuldades económicas em que vivem os camponeses, assistimos a um êxodo rural em direcção a França ao qual se veio juntar a fuga massiva de jovens que recusavam fazer o serviço militar a partir de 1961, quando Portugal entra em guerra com os movimentos independentistas das colónias portuguesas. Em 1970 havia cerca de 500.000 emigrantes, e embora nem sempre haja conformidade nos números, em 1975 há quem aponte para um milhão de portugueses fixados em França. Hoje a comunidade portuguesa é constituída

por cerca de 800.000, sendo a percentagem de mulheres de 48,7%. Apenas cerca de 150.000 se encontram na vida activa, sendo uma grande parte operárias não qualificadas (50.000) ou trabalhando em serviços directos para particulares (49.500). Num total de 119.500 operários portugueses, qualificados, só 8.900 são mulheres, números que falam por si (7,4).³

São sobejamente conhecidas as condições de saída de Portugal. Raros eram os que saíam legalmente do país, já que o regime não lhes facilitava o acesso à documentação, fingindo ignorar o fenómeno de modo a manter por um lado, o isolamento político da nação, impedir a fuga dos jovens às guerras e manter por outro lado uma massa salarial muito baixa de forma a garantir a manutenção do regime pelos grandes grupos económicos. Só alguns, raros, obtinham um visto turístico ou documentos falsificados. Os emigrantes eram obrigados a saírem a ‘salto’, atravessando sucessivamente a pé as fronteiras portuguesa, espanhola e francesa. Endividando-se para poderem pagar a viagem e os “passadores”, facilmente caíam em armadilhas de homens desonestos; sem falarem uma palavra de francês, essa mão de obra, desejosa de enviar dinheiro à família, vai aceitar viver e trabalhar em condições infra-humanas. É assim que vai nascer, nos arredores da capital francesa, o bairro de lata de Champigny, sem água, electricidade, sem quaisquer condições de higiene. Oriundos inicialmente da região de Leiria, Tomar e Entroncamento, o bairro vai crescendo e expandindo-se. E se no início a emigração é quase exclusivamente masculina, rapidamente vão começar a chegar as mulheres e depois os filhos. Esse ‘enclave’ português, traumatizante pelo isolamento e segregação a que estavam votados, chegou a alojar 10.000 portugueses, tornando-se pouco a pouco num foco de tensões e conflitos, chamado a atenção de políticos locais e de alguma imprensa.

Sem o auxílio das autoridades portuguesas, isolados da sociedade francesa, essa comunidade tudo fará, no entanto, para passar despercebida e esquecida⁴. Mão de obra apreciada e dócil, os portugueses vivem entre si, silenciados, sem qualquer forma de participação nos movimentos operários da época, como se fossem seres invíveis na sociedade de acolhimento.

Diluem-se progressivamente na vida francesa, mas sempre com os olhos postos em Portugal, reproduzindo em casa modos de viver rurais, desde a alimentação aos lazeres, usos e costumes, inculcando nos filhos os valores da família, da religião cristã e evitando sempre que possível os casamentos mistos. O êxito da inserção da comunidade portuguesa em França está em muitos dos seus aspectos por estudar. O bairro de lata de Champigny é destruído em 1972 (havia 117 bairros de lata habitados por portugueses na região parisiense) quando o governo francês lança uma política de realojamento com a construção de habitação social. Hoje, nesse mesmo lugar, erguem-se vivendas modernas pertencentes a portugueses. As mulheres a dias foram substituídas por outras vindas dos países de leste e os pedreiros trabalham muitas vezes por conta própria em pequenas e médias empresas. Os filhos têm acesso à universidade, nos vários domínios do saber. Em qualquer sector da vida francesa há portugueses de segunda e terceira gerações o que mostra a vontade férrea de inserção no país de acolhimento: jornalistas, cantores, actores, com mais ou menos visibilidade, os portugueses passaram os anos de chumbo do silêncio para ocuparem lugares na função pública, no ensino e até na política, com a eleição de cidadãos europeus para os órgãos de soberania local.

O sonho inicial era o de regressarem rapidamente a Portugal, por isso compram terras, constroem casas. Mas o tempo passa, os filhos crescem, e Portugal torna-se cada vez mais um país de férias, um Eldorado, onde os espera a imagem enganadora de um país acolhedor e ensolarado. Adia-se o regresso para o tempo da reforma, porém, agora os filhos também já são pais e os avós não se querem separar dos filhos e netos. Investem numa casa em França e a outra, a casa de sonho com todo o conforto e utensílios modernos fica para as férias da família. No entanto nem tudo é ouro sobre azul. Confrontados com o país real, onde se vai anualmente, cumprem um dos rituais do eterno retorno. O emigrante português constitui a sua identidade à volta desse mito, profundamente arreigado no imaginário colectivo português, vem desde os Descobrimentos e a tragédia marítima passando para a emigração e a sua correspondente tragédia terrestre. Não esqueçamos os sofrimentos físicos e morais que estes emigrantes tiveram de enfrentar, sobretudo, nos anos 60, quando têm de passar clandestinamente as fronteiras, quase sempre a pé e de noite, (ou outras linhas imaginárias). O emigrante confronta-se com um mito que pretende articulá-lo com a origem e é com o coração ferido que se refere ao passado, ao país natal, imagem etérea de um território perdido e reencontrado, a Terra-mãe, onde se investiram todas as expectativas do encontro definitivo, mas cujo prazo é constantemente adiado face às possibilidades que a Europa mítica oferece em troca do desenraizamento. Esta abolição temporal leva o emigrante a ser ameaçado na sua identidade à qual só pode responder através de celebrações de ligação com aquilo que foi e já não é e que nunca o será. Portugal torna-se assim uma recordação mais remota, um paraíso saudoso. Instaure-se a saudade, sentimento nostálgico de tristeza e alegria, vivência que advém de uma sensação de prisão e desterro, mas que põe os olhos nos domínios distantes do futuro. A impossibilidade prática de retorno institui uma verdadeira fronteira movediça de uma dupla pertença e de residência, determinando uma nova relação e gestão desestabilizadora que perde o seu centro. Querer ser apenas português é pouco para os portugueses com a sua vocação universalista anunciada na *Mensagem* de Pessoa. É através do olhar dos outros que se opera o encontro consigo próprio, pois um verdadeiro português nunca foi português, foi sempre tudo⁵.

Assim, o mesmo e o Outro inscrevem-se na identidade dos nossos emigrantes, após a experiência traumática da sobrevivência, adaptação e instalação, cria-se uma dupla identidade sentimental, cultural e moral sem esquecer a cultura de origem que é refundida como forma de luto. A dupla pertença ao clã português e ao clã francês materializa-se no aforismo de Pessoa “eu não viajo, evoluo”. Esta nova identidade tanto cá, como lá, é a prática que tenta conjurar a impossibilidade de retorno e que desenha um nó que se faz e desfaz como resposta a um ex-exílio que permite aos seus actores vencerem a perda e serem “gente feliz com lágrimas” ou terem apenas uma ferida ou dor que aponta para um futuro que é preciso reinventar em busca de um equilíbrio que responda ao presente e ao futuro. A emigração simbólica de Camões seria agora o exemplo e mito da gesta empreendedora que é a aventura do pobre que busca em terras longínquas o que lhe falta em casa. Pobres saímos para sermos senhores em Malaca ou Goa. A emigração dolorosa contemporânea foi feita para servir povos mais ricos e organizados do que nós. Esta gesta não pode esquecer a miséria que está na origem e apesar do real sofrimento causado trouxe uma grande melhoria das condições de vida. Milhares dos nossos emigrantes em França estão inseridos na vida local e a tendência natural é a de se fundirem no país de

acolhimento, embora haja que manter elos culturais permanentes de modo a que com delicadeza e constância se possa alimentar essa dupla pertença.

Por outro lado, a sociedade portuguesa tem perante a sua emigração uma imagem extremamente desvalorizante. Os sinais ostensivos de sucesso económico, a perda da língua portuguesa, a adopção de termos franceses, misturados com elementos portugueses – dando origem ao chamado “emigrês” (facilmente explicável porque muitas das novas realidades eram completamente desconhecidas dos nossos compatriotas) levam a atitudes de rejeição e exclusão. Tal situação, após terem enfrentado o exílio voluntário, após terem sido considerados como estrangeiros miseráveis, é muito traumatizante para a nossa comunidade que se vê assim como estrangeira aos olhos dos seus compatriotas. É como viver no vácuo sem elementos de ancoragem que lhes permitam uma construção identitária duplamente fracturada. O emigrante é um ser dividido e vê-se na contingência permanente de negociar a sua identidade, deslocando-a ora para um lado, ora para o outro, uma fronteira movediça na qual não se é o mesmo nem o outro. Na realidade não é completamente francês e fazem-lhe crer que também não é completamente português, tornando-se nesta concepção num invasor dos dois lados. Como ser deslocado, inclassificável que é, fica num lugar bastardo como se a sua condição fosse a atopia, ou seja o não ter lugar nem na sociedade de origem nem na sociedade receptora. Esta questão implica o ter de se repensar os fundamentos da cidadania e da relação entre estado e a nacionalidade, assim como as representações desse ser sem território, conceitos, na ordem do dia, também válidos para os sem terra, os sem abrigo ou os sem documentos.

No romance escrito por dois expatriados em França, *Entre o País e o Longe* de Maria Graciete Besse e Mário Conde, dá-se voz a essa oscilação entre dois mundos, a esses seres deslocados que resultam de uma vibração do exílio. A passagem de um país a outro é o símbolo de ascensão social, mas também de manifestação da inquietação humana que se recusa a aceitar a fatalidade do destino. A emigração, a aculturação e a integração estão no centro deste romance através de permanentes negociações conflituosas. A herança portuguesa é posta em confronto com as novas aquisições culturais e essa nova identidade inscreve-se na eterna fuga entre duas fronteiras, já que o mundo de hoje é o da diversidade onde se insere a diferença⁶.

A comunidade portuguesa e suas manifestações culturais: do folclore à poesia

De uma maneira geral a cultura portuguesa em França até aos anos 80 resumia-se a alguns estereótipos como o fado, vinho do Porto, futebol, Fátima, as mulheres vestidas de preto, etc. O trabalho de intervenção dos agentes do Estado Português, Centro Cultural da Fundação Gulbenkian em Paris, dos Departamentos de Português das Universidades Francesas, tem sido notável na promoção de eventos para a difusão da literatura, música, cinema, dança, artes plásticas em espaços de grande prestígio. O número de títulos traduzidos ascende hoje a cerca de 600. O olhar dos franceses sobre a nossa cultura mudou radicalmente graças a estes esforços conjugados contribuindo para ultrapassar os estereótipos, ao mesmo tempo que a comunidade portuguesa readquire um orgulho sobre a sua própria cultura.

A comunidade portuguesa organizou-se desde os anos 70 em associações de modo a criarem espaços de convívio que vão do folclore às aulas de língua portuguesa. Cerca de 4.000 associações, caso único em França, dão a conhecer a realidade e cultura portuguesas. Simultaneamente, abrem-se restaurantes, bares, bancos, companhias de seguros, livrarias e editoras. Paris possui duas livrarias exclusivamente de língua portuguesa, a estação de rádio Alfa emite 24 horas por dia, a cadeia de televisão CLPTV vocacionada para o mundo lusófono foi recentemente criada e não faltam mesmo a equipa de futebol, os *Lusitanos*, que disputa os campeonatos franceses, nem a missa em Português⁷.

Além da imprensa portuguesa, algumas associações começaram a promover concursos de criação nas categorias do conto e poesia. Fundam-se as edições ACAP 77 que se lança na publicação de nove títulos entre os quais um de poesia de Marília Gonçalves (*À Procura do Traço*, 1991) e o Círculo dos Poetas Lusófonos de Paris. O jornal “Presença Portuguesa”, que chega a ter uma tiragem de 10.000 exemplares dedica espaços à criação poética dos emigrantes. Esta poesia de carácter popular é produzida na fase da sobrevivência/ instalação e na fase da revolta abafada na sociedade de acolhimento com as temáticas da fuga, o salto, a miséria, a guerra, a família, o exílio, a saudade e a esperança numa vida melhor. Em 1983 surge a revista *Peregrinação, Revista de Artes e Letras da Diáspora Portuguesa* onde se dá especial relevo “às obras de expressão emigrante, testemunhos das vivências de peregrinos-nosso destino e condenação”. Esta revista publicou, entre outros, a poesia de Inês Sarre (*Pelo espelho das coisas*, 1986) e Ana Júlia Macedo de Sança, presente com um emotivo depoimento sobre a situação da mulher no Congresso de Macau, (*Arcovirus e Vibrasóis*, 1987). Refira-se ainda o papel da *Revista Latitudes*, criada em 1997, graças ao labor infatigável do seu director, Daniel Lacerda, que tanto tem publicado regularmente textos críticos sobre a poesia da comunidade, como lhes tem dado espaço ao lado de escritoras consagradas, (citem-se a título de exemplo os nomes de Maria da Conceição Vasconcelos, Cristina Semblano, Lurdes Loureiro, Paula Gonçalves).

Em 1982 surge a antologia de poesia bilingue *Vozes dos Emigrantes em França*⁸ onde se incluem cento e cinquenta poemas publicados previamente na imprensa, abarcando a poesia de dezoito mulheres (Adelaide Guardado, Cidália Gonçalves, Donzília de Almeida, Eugénia, Maria Alice Geraldés, Maria A.J., Maria Emília Rodrigues Marques, Maria João Ventura, Maria Rosa Fernandes, Maria Teresa Ferraz, Rosa Cardoso, Rosa Martins, entre outras) num conjunto de sessenta e oito autores identificáveis. A Antologia abarca os primo-migrantes e a emigração subsequente de modo a que, nas palavras dos seus organizadores, “o cidadão português tenha conhecimento da poesia portuguesa em França que não é mais do que a expressão da identidade cultural histórica de um milhão de portugueses exilados nestas terras. São poemas escritos com mãos gretadas ao som do compressor e das máquinas das fábricas”. Neles encontramos as temáticas do exilado sem fronteiras, indefinição de identidade, o grito contra o país que injustamente os esquece, a

saudade omnipresente no livro (“Porquê estas lágrimas e saudade? / Quem é o culpado de tudo isto?”, Eugénia, p. 104; “saudades fazem então.../um desatino de dor/ Que poesia e amor;/ Saudade.../ Palavra nossa”, Maia J. Ventura, p. 218). É também evocado o dilema da emigração, a sua definição com ressonâncias camonianas (“Emigrar.../ É partir com a imensa vontade de ficar!”), M.E.Rodrigues Marques, p. 173; ou no poema “Camões” de Donzília de Almeida que sabe ler a universalidade do poeta e a quanta distância se encontra dele: “Mas tu Camões tinhas a mais/ O ‘engenho e a arte’.../ É um recado que nos deixaste/ Dizendo que a cada passo a vida se renova/Alegrias, tristezas/ Cansaços, dores, paixões/ Viagens, batalhas, amores/ Não sei escrevê-los/ Tu soubeste fazê-lo/ Eu só soube entendê-los”, p. 224), as suas causas (“No dia em que sair de Portugal,/ Penso ter saído de uma prisão”, Maria A.J,p. 50), a consciência da exploração e da perda de identidade (*Je me sens étrangère à côté de/ tout le monde*, Rosa Cardoso, p. 202), assim como a reconciliação (“Com estas tristezas todas/ Também tenho momentos felizes/ Por tudo ter conseguido/ Neste querido país”, Maria R. Fernandes, p. 102) e conhecimento mútuo entre os povos.

As estações de rádio de língua portuguesa dão a palavra aos ouvintes para lerem os seus poemas, ora de testemunho de uma vida entre os dois países e duas memórias, ora de carácter mais íntimo. Mais tarde, em 1997, estas palavras ditas passaram à escrita com a criação do Círculo dos Poetas Lusófonos de Paris que organiza regularmente encontros poéticos e que editou a *Antologia do Círculo dos Poetas Lusófonos de Paris (2004)*⁹. Num conjunto de vinte autores, sete são assinados por mulheres (Angélia da Ascensão Pinto, Cristina Semblano, Maria de Lurdes Loureiro, Maria da Conceição Vasconcelos, Olga Diegues, Paula Gonçalves e Márcia Agrau, esta de nacionalidade brasileira, mas membro do Círculo). A forma desses poemas não obedece a qualquer inovação; há porém uma forte concentração no testemunho do abandono da terra originária, da experiência pessoal e de estados de espírito, dando-se assim, relativamente à Antologia anterior, uma passagem para o lirismo e a expressão de sentimentos.

Os poemas de Angélia Pinto, auto-didacta, que abandonou a escola aos 11 anos, predominantemente em francês (língua do país onde nasceu), apresentam uma forte capacidade questionadora relativamente aos grandes temas literários: a vida, a passagem do tempo, a nostalgia do passado, as guerras, as pequenas alegrias do quotidiano e a fraternidade.

A poesia de Maria de Lurdes Loureiro, jovem escritora, com estudos secundários, que vive dos artefactos da costura, apresenta uma poesia com uma forte componente lírica, ditada pelo sentir, com o sujeito numa atitude de contemplação face ao mundo e em situações de solidão. A condição de emigrante nunca é evocada nem sugerida. Embalada por um ritmo próprio, harmónico e melodioso, estes poemas poderiam facilmente ser cantados.

Olga Diegues, emigrada para França aos 19 anos, em 1986, cultiva o canto do amor, da infância, do sonho e traz como novidade a temática da escrita como uma necessidade vital (“Preciso de ti como o trigo do sol/ P’ra existir... ” p. 275).

Maria da Conceição Vasconcelos, sem estudos, descobre o seu fascínio pela poesia que começa a praticar, assim que chegou a França com 16 anos. Autora de dois livros, *Brisas* (Viana do Castelo, 1994) e *No Poente Incendiado* (Lanhelas, 1997), apresenta um universo poético que reivindica as suas origens portuguesas e minhotas e um olhar atento aos seus compatriotas emigrados. A emigração e a terra da infância são o húmus que alimenta os seus versos. E se inicialmente encontramos a tematização do exílio (“Da felicidade faço meu país e só a ele me enraízo”, *Brisas*, p. 15) e a do desterro (“Mas como trabalho e o tempo me usa/ Vou me sentindo como Camões um desterrado”, *Antologia*, p. 250,) fazendo uma amplificação da condição de emigrante à de exilado, refugiado, clandestino (“Esta noite sou o novo escravo o novo peregrino/ O exilado o refugiado o clandestino/ Aqueles que sem arma nem passaporte/Tentam fazer da má sorte a boa sorte”, *Brisas*, p. 38), o seu olhar inquieto e saudoso abre-se já ao mar da alteridade e diferença: “És tu cidade aberta [Paris] /Um oceano de culturas.../ Abrindo a multidão em cada passante/ Novos horizontes deferentes maneiras de ser”, (*Brisas*, p. 33). A consciência do labor da escrita e a distância da perfeição são-nos dadas em termos de luta no poema “Se eu pudesse”: “Mas! ...Por muito que estude, invente ou escreva/ Noite e dia, ainda batalho entre a luz e a treva/ Ai! ...Como do meu querer ao meu poder/ Longínqua é a distância”

(*No Poente Incendiado*, p. 72).

Por razões comerciais, mas também culturais, são poucos os editores franceses que publicam poetas portugueses emigrantes. Normalmente são pequenas editoras e com fraca difusão. É o caso de Alice, chegada a França já casada e com filhos, sem nenhum conhecimento da língua francesa. Estuda esta língua, começa por compor quadras para canções até chegar à publicação do livro *Nostalgie* (Paris, 1984) onde sintetiza o seu universo de pequenas tristezas iluminadas por pequenas alegrias (“ Fala-me da minha aldeia/ pequeno jardim do verão/ fala-me da minha rua/aonde passei a minha infância/ e deixei o meu coração”, p. 77). Também Alice Machado, embora escrevendo em francês, considera o português como sua língua materna (*Eclats*, Paris, 2000; *L’agitation des rêves*, Paris, 2002). Os seus vários romances e alguma poesia encontram-se traduzidos para português.

Neste breve panorama deve ser evidenciado o papel relevante da Editora *Lusophone* que, além da Antologia referida anteriormente, tem duas colecções de poesia portuguesa. Autoras como Paula Gonçalves ou Cristina Semblano entre outros, são publicados por esta editora. Paula Gonçalves, em *Âncora Estilhaçada* (Paris, 2002) apresenta-nos um universo poético já distante da poesia popular com uma forte componente autobiográfica. O livro, organizado em três partes e um epílogo – “Águas de Sol” (que abrange o tempo da infância em Portugal da partida: “ Comecei então a desagregar-me paradoxalmente em: duas:/ a que ficava, a que ficaria/...e a outra, a que partia, a que partiria”, p. 30), “Soluços de Nuvens” (parte correspondente ao tempo de chegada ao exílio, à solidão da língua, à perda máxima da identidade, a perda do nome pronunciado agora à maneira francesa que faz das Marias, Máriá), “Luzes em Reticências” (parte onde se vislumbram as luzes de Paris reflectidas no Sena como um elo de ligação através da ilusão da própria

escrita após o tempo da incerteza) – dá-nos agora o tempo do apaziguamento e uma tentativa de reconstrução dos pedaços da âncora estilhaçada, metáfora identitária.

A poesia de Cristina Semblano, no livro *A Minha Língua. Confessions en Portugais et en Français* (Paris, 2004) põe a tónica no país de adopção procurando a utopia de um país inexistente onde o rio Sena desaguaria no Douro, num desejo de abolição de fronteiras para o qual a língua portuguesa se constitui como um cadinho onde cabem todos os sons, cores que nos irmanam nos diferentes espaços onde se fala a língua portuguesa (“O teu corpo é um navio/ Que um dia veio acostar no meu corpo feito cais/ E desde aí eu só sinto o cheiro a maresia/ O roçar do teu casaco contra o meu cais./ E desde aí a minha cidade é o teu corpo/ É o Porto, é a Ribeira/ É onde o Sena veio desaguar no Douro/ E Paris se encostou à Ribeira.”, p. 42).

Conclusão

Tentámos mostrar como na poesia das mulheres emigrantes portuguesas em França, a separação, o afastamento, a privação estão sempre presentes. O emigrante é como o exilado, um ser contraditório: habita aqui no presente, mas projecta-se numa realidade longínqua e na prática acaba por não estar em lugar nenhum – onde tem o corpo não tem o espírito, vive uma dupla vida, onde real e imaginário se confundem. Estas mulheres poetas tentam superar os conflitos recorrendo ao apaziguamento que as leve à aceitação do espaço de acolhimento.

No apego à terra de origem podemos encontrar a aspiração não do país de actual, mas sim aquele que habitou e daí resulta a frustração de não serem reconhecidas e se sentirem estrangeiras no Portugal de hoje. O exílio, o espaço como prisão, onde a comunicação é difícil, a solidão e a perda de identidade percorrem toda esta poesia. Oriundas de camadas populares, a sua escrita assume o papel de ajudar a superar as adversidades, a concretizar a dupla personalidade, a ligar os dois espaços e tempos. O espaço do acolhimento é inóspito, tal como nos autores consagrados, o clima é agreste onde predomina o frio em contraste com as referências ao sol ou mar português. Deparamos também com a relação desagradável com o país de outrora, a pátria que expulsou os seus filhos, com o de agora pouco acolhedor. Mas o verdadeiro sentido do exílio é a situação de desterro com expatriamento e impedimento de regresso ao país o que não acontece a estas poetisas originárias da emigração económica. O exílio toma assim a forma de um sentimento saudoso, tempo de espera e sofrimento onde se canta a saudade dos tempos passados e o desejo de voltar à terra onde nasceram; a saudade da família torna-se saudade da natureza e da pátria. A presença obsessiva deste sentimento leva-nos a abolir a separação entre o exílio e a saudade. Estes poemas apresentam por vezes todas as características que definem o exílio, para noutros se deslocarem para a saudade tão intrinsecamente ligada à forma de ser português ao ponto de ser considerada como um traço distintivo da maneira de ser e de estar dos portugueses. Trata-se de um saudosismo de carácter messiânico imbuído dos valores do cristianismo para o qual o exílio é a própria condição do homem desterrado na terra cantando a saudade do paraíso perdido que se espera alcançar. A saudade surge nesta poesia como uma força maior, como um princípio de poesia e musa, como um impulso vital que supera as contingências do espaço e do tempo.

As características que acabámos de enunciar são válidas também para a poesia dos nossos poetas emigrantes. Haverá, então, na escrita destas mulheres algumas marcas distintivas? Por agora diremos apenas que esta poesia apresenta uma forte dimensão pulsional e afectiva, recorre a temáticas obsessivas como a infância, a mãe, um centramento na primeira pessoa com pendor auto-biográfico, a consciência da escrita como metáfora do exílio, a consciência do trabalho oficial da escrita e da materialidade da própria língua. Ousaríamos apenas avançar que estas vozes das mulheres emigrantes portuguesas ao criarem através da palavra poética instauram uma possibilidade de resposta à angústia, ao medo e à separação sugerindo um mundo melhor. O sucesso da inserção da comunidade portuguesa em França é bem a prova que estas portuguesas emigrantes carregam uma história de “heróis, santos e guerreiros” e souberam encarnar no nosso tempo os mitos fundadores da cultura portuguesa.

Nota final: Para elaboração deste trabalho contribuíram as seguintes leituras, não indicadas nas notas de rodapé:

Carlos André, *Mal de ausência. O canto do exílio na lírica do humanismo português*, Coimbra, Minerva, 1992.

Eduardo Lourenço, *O Labirinto da Saudade*, Lisboa, Dom Quixote, 1978.

Fernando Guimarães, *Poética do Saudosismo*, Lisboa, Presença, 1988.

Maria Graciete Besse, *Percursos do Feminino*, Lisboa, Ulmeiro, 2001.

¹ Veja-se a propósito de A. Herculano e este poema, o elucidativo estudo de Maria de Lourdes Belchior, “Herculano, “Trovador do Exílio”, publicado em *Os Homens e os Livros (Séc. XIX e XX)*, Lisboa, Verbo, s/d. Além da acutilante análise do poema, o estudo propõe traços paradigmáticos a ter em conta para uma melhor definição das fronteiras ténues entre temáticas como as do exílio, desterro e sentimento saudoso, todas elas consideradas tão próprias do ‘modo de ser português’.

² Para mais elementos sobre os expatriados portugueses, veja-se o opúsculo da autoria de José Augusto Seabra, *Memória das Gerações de Portugueses Exilados em França*, Paris, Ed. Lusophone (com o patrocínio da *Associação Cívica e Cultural 31 de Janeiro*), 1997.

³ O número de 800.000 é avançado pelo INE, divulgado no jornal *Expresso*, de 22 de Abril 2007, repartindo-o da seguinte maneira : 200.000 são de origem portuguesa, 600.000 são portugueses e 200.000 são detentores da dupla nacionalidade. Algumas mulheres trabalham também em empregos não qualificados para empresas e comércios (cerca de 34.000), um número bastante menor trabalha na agricultura (3000). Para mais dados numéricos sobre a comunidade portuguesa em França, vejam-se os artigos de Aníbal de Almeida, « La Communauté portugaise en France, quelques données statistiques », in *Revista Latitudes*, n°1, setembro, 1997, pp. 11-13 e Jorge Portugal Branco, « L’émigration et son contexte », in *Revista Latitudes*, n° 5, abril/mai, 1999, pp. 29-33. Refira-se ainda o livro de José Alexandre Cardoso Marques, *Immigration et cinéma. Images des Portugais en France*, Paris, L’Harmattan, 2002. Sobre a situação das mulheres portuguesas na diáspora, leia-se o excelente artigo de Maria da Conceição Ramos, contido neste volume de Actas, assim como os seus múltiplos trabalhos sobre as circulações migratórias.

⁴ Apenas um episódio, talvez de 1964 ou 68, chamou a atenção das autoridades francesas quando se viram obrigadas a intervir para fazer descer a bandeira portuguesa que um grupo de emigrantes portugueses tinha içado em Champigny. Leia-se a propósito da história deste *bidonville* o livro de Marie-Christine Volovitch Tavares, *Portugais à Champigny, le temps des baraques*, Paris, Autrement H.S., n° 86, 1995.

⁵ Veja-se o elucidativo artigo de Ruy Pereira, in *Revista Latitudes* n°1, setembro, 1997, pp.5-8.

⁶ Para um aprofundamento da leitura deste romance leia-se o artigo de Maria Zilda Ferreira Cury e Regina Antunes Meyerfeld, « Vozes da Imigração Portuguesa : Entre o País e o Longe », in *Revista da ANPOLL*, n° 19, Universidade Campinas, 2005, pp. 97-119.

⁷ Sobre a presença do património português em França, leia-se o respectivo verbete, da autoria de José Esteves Pinheiro, José Manuel Esteves e Pierre Lèglise-Costa, incluído no *Dicionário Temático da Lusofonia* (dir. de Fernando Cristóvão), Lisboa, Texto Editores, 2005, pp. 809-815.

⁸ Antologia Poética bilingue (anos 1960/1982), dir. por António Cravo e Rebelo Heitor, Paris, 1982. Em 1980 tinha já sido publicada uma Antologia, *Saudades não pagam dívidas*, Paris, (dir. por Yvette Tessaro, Manuel Madeira e Alberto Melo), um recolha anónima de poesia popular colhida directamente da vivência da emigração. Esta informação foi colhida do artigo de Dominique Stoenesco, « Les poètes portugais immigrés, réfugiés ou exilés en France (des années 1960-70 à nos jours), in *Revista Latitudes*, n° 27, setembro 2007, pp. 34-45, cuja leitura se recomenda pelo percurso histórico, nomes e obras inventariados sobre esta temática.

⁹ Paris, Ed. C.P.L.P/Lusophone, 2004.

in Leonor Diaz de Seabra & Maria Antónia Espadinha, *A Vez e a Voz da Mulher Portuguesa na Diáspora : Macau e Outros Lugares. Actas do III Congresso Internacional*, Macau, Univeridade de Macau, 2009.